

A narrativa do Boto

Claudia Vanessa Bergamini¹

Submetido: 16/02/2024

Aceito: 04/05/2024

RESUMO

A proposta deste artigo é realizar a análise de textos da produção em verso e prosa do poeta popular paraense Antonio Juraci Siqueira, o Boto. Justifico essa escolha por se tratar de um disseminador da cultura amazônica, já que em suas produções há ecos linguísticos, culturais, lendários e populares da Amazônia paraense; assim, busco trazer para o âmbito acadêmico os textos do autor, dando-lhe um espaço em que possa haver uma legitimação acadêmica para esses valores de produção popular, oriundos de uma tradição, pois em cada região do Brasil há escritores inseridos no meio do povo, em cujas composições residem lendas, mitos e fatos reais que chegam em linguagem simplória, carregada de significação. Por meio dessa linguagem, são construídas histórias apoiadas em uma concepção de mundo específica e na tradição popular, e são, pois, essas características abordadas neste estudo.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativas populares; Cultura amazônica; Tradição popular.

The Boto's narrative

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze texts produced in verse and prose by the popular Pará poet Antonio Juraci Siqueira, known as Boto. I justify this choice because he is a disseminator of Amazonian culture, since in his productions there are linguistic, cultural, legendary and popular echoes of the Pará Amazon; Thus, I seek to bring the author's texts to the academic sphere, giving him a space in which there can be academic legitimization for these values of popular production, originating from a tradition, as in each region of Brazil there are writers

¹Tem graduação em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2006), graduação em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul (2021), mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2012) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2018). Atualmente é professora da Universidade Federal do Acre.

inserted among the people , in whose compositions reside legends, myths and real facts that arrive in simple language, full of meaning. Through this language, stories are constructed based on a specific conception of the world and popular tradition, and these characteristics are therefore addressed in this study.

KEY-WORDS

Popular narratives; Amazonian culture; Popular tradition.

La narrativa del Boto

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar textos producidos en verso y prosa por el poeta popular de la provincia del Pará, Antonio Juraci Siqueira, conocido como Boto. Justifico esta elección porque es un divulgador de la cultura amazónica, ya que en sus producciones hay ecos lingüísticos, culturales, legendarios y populares de la Amazonía del Pará. Así, busco llevar los textos del autor al ámbito académico, dándole un espacio en el que pueda haber legitimación académica para estos valores de producción popular, provenientes de una tradición, ya que en cada región de Brasil hay escritores insertados entre el pueblo, en cuyas composiciones residen leyendas, mitos y hechos reales que llegan en un lenguaje sencillo, lleno de significado. A través de este lenguaje se construyen relatos a partir de una concepción específica del mundo y de la tradición popular, características por las que se aborda en este estudio

PALABRAS-CLAVE

Narrativas populares; Cultura amazónica; Tradición popular.

Quem é o Boto?

El indígena remaba parejo, de pie, en la popa de la delgada embarcación.

(Luís Sepúlveda, *Un viejo que leía novelas de amor*)

Iniciar este artigo com a epígrafe de Luís Sepúlveda foi inevitável, uma vez que a imagem do poeta Antonio Juraci Siqueira ressoa em minha memória tal qual a do indígena a que se refere o texto. Em um de seus poemas escreveu que “E em cada rosto caboclo existe um índio escondido, enclausurado em si mesmo, discriminado, oprimido, escravo em sua própria terra

trazendo o grito de guerra no coração reprimido” (SIQUEIRA, 2007a, p. 92) e ficou em mim a imagem forte desse caboclo que também representa o escritor. Marajoara das margens do Cajari (Afuá, Pará), o Boto, como é conhecido Antonio Juraci, de menino teve contato com a literatura de cordel, daí emanou seu interesse por outros gêneros literários que ele vem produzindo ao longo da vida, a saber, trova, cordel, conto, crônica e poema. Com mais de 80 títulos publicados de forma independente e uma produção ativa, sobretudo nas redes sociais, ele tem Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Pará, estado em que vive e ainda atuou como professor de Filosofia e de Sociologia, participa de vários institutos litero-culturais, performista, oficinairo de literatura e contador de histórias. Trata-se de um escritor referência em Belém e em grupos nacionais, a exemplo da UBT, União Brasileira de Trovadores, em que se filiou há mais de 40 anos.

Embora conte com 80 livros publicados e atividades várias ligadas à disseminação da cultura amazônica, da trova, da prosa, da poesia, no âmbito acadêmico, o nome de Antonio Juraci Siqueira não costuma circular no âmbito acadêmico; ou melhor dizer, já circulou, quando Ivone Caldas Carvalho, em 2015, em sua dissertação, estudou os saberes do imaginário amazônico na formação e na produção do poeta. Merecedor de louvores o trabalho defendido por Carvalho, na Universidade Federal do Pará, no qual a ênfase recaiu sobre as significações que a performance e o texto do poeta ativam na memória coletiva do público, em específico, dos estudantes, momento em que o ouvinte do poeta se depara com um “disseminador da cultura amazônica, já que em suas produções há ecos linguísticos, culturais, lendários e populares da Amazônia paraense (CARVALHO, 2015, p. 146). Cito ainda o artigo ‘Eu, o Boto: o imaginário das águas na mitopoesia de Juraci Siqueira’ (2018), de autoria de Sabrina Augusta da Costa Arrais e Silvia Sueli Santos da Silva, inserido nos Anais do II Encontro Nacional de Etnocologia. As autoras desenvolveram a análise explorando a vastidão de imagens incorporadas nos versos do poeta, imagens estas que, segundo Arrais e Silva (2018), se legitimam nas configurações culturais múltiplas, nas quais o homem se encontra mergulhado desde os tempos arcaicos. Por fim, não menos importante, tem-se a tese de Hiran de Moura Possas, de 2015, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na área de Comunicação e Semiótica. Possas examinou, em cordéis e textos jornalísticos produzidos por

Siqueira, a quem ele chamou de artista 'marginal' paraense, a trajetória do verbo criativo, da palavra expressiva e os sentidos críticos dela.

À exceção desses trabalhos desenvolvidos no âmbito acadêmico, não alcancei outros estudos que se dedicassem a algum aspecto da poética do Boto paraense.

Além da ausência de um olhar mais apurado a poetas que, a exemplo de Siqueira, emanam do povo e a ele especificamente se dirigem, a escolha por analisar neste artigo textos da produção desse Boto poeta se justifica por se tratar de um disseminador da cultura amazônica, já que em suas produções ressoam os ecos de um povo, de uma cultura, de uma manifestação linguística da Amazônia paraense. De tal modo, ao me deparar com os textos por ele produzidos, entendi que, de fato, ele é o que diz ser, o filho do Boto, e o poeta explica: "o encantamento dessa frase carrega crítica e reflexão" (SIQUEIRA, 2016), e continua sua explicação por um viés sociológico em que observamos a verdade do Boto:

A minha "mãe" é a Amazônia e o "boto" em questão é o Capitalismo, esse moço bonito que nos seduz, nos enraba e depois nos abandona prenhes de dívidas e dúvidas. É o mesmo boto que em tempos idos, travestido de regatão, comia nossas tapuias em troca de um corte de chita ou de um vidro de perfume. E a "minha mãe", a exemplo da "Mama África" do Poeta, também é mãe solteira, também foi e continua sendo estuprada e emprenhada por esse boto malino, tanto física quanto cultural e economicamente. Ontem, na base do "dá ou desce", a ferro e fogo; hoje, na mesma base, só que com armas muito mais sofisticadas, sedutoras e eficientes (SIQUEIRA, 2016).

Na explicação de Siqueira, é perceptível a consciência em relação à exploração da região em que ele vive, e vislumbramos que, ao menos esse Boto, se vale de uma arma, não sedutora, sofisticada e eficiente, como o Capitalismo, mas da palavra, por meio da qual ele constrói suas reflexões. A "Mama África do Poeta" é referência à letra Mama África, canção de 1994 de Chico César, por meio da qual o compositor narra a vida de tantas mulheres de São Paulo e, por extensão, do Brasil. Mulheres estas que vivem para a servidão em todos os sentidos, sem, no entanto, deixarem de oferecer aos seus a generosidade materna.

Siqueira fez parte de um dos episódios do quadro Me leva, Brasil, do jornalista Maurício Kubrusly, foi então que em âmbito nacional ficou conhecido como 'Filho do Boto'. No entanto,

desde 1989 ele já era, em sua cidade, o Boto; o tempo passou e o Boto paraense continuou a assim ser tratado no Pará e em outros estados do Norte, onde ecoam suas histórias.

O boto é um ser que se transforma e sua figura múltipla não se limita ao mito que, mais comumente, circula nos livros infantis. Na região amazônica, essa multiplicidade pode ser vista na interação entre o boto e os pescadores; nas narrativas que transformam o boto em homem que circula entre o povo nas festas e seduz as moças, enfeitando-as; ou ainda nos terreiros de religião de matriz africana, nos quais o boto é uma entidade:

ligada à linha do fundo da Encantaria (aqui empregamos os termos “religiões de matriz africana” e “encantaria” no sentido dado pelos estudos de religião; “linha do fundo” é um termo nativo mobilizado para se referir à linha de trabalho com os encantados na Amazônia marajoara) A Encantaria amazônica nos oferece, neste contexto, diferentes contrastes; entre este mundo e o outro, ou entre o aspecto maléfico e perigoso dos botos, de um lado, e, de outro, as alianças traçadas com eles em suas manifestações como guias espirituais” (VASCONCELOS, SÜSSEKIND, 2020, p. 17-18).

Essas perspectivas distintas sobre o boto amazônico entrelaçam diferentes horizontes narrativos e em um desses horizontes está Antonio Juraci Siqueira, o Boto, com suas histórias. E como todos nós somos feitos de histórias, este artigo se ocupa de analisar narrativas, histórias nas quais o Boto circula, eternizando-se na memória do leitor.

Minha escolha poderia ter pendido para outros escritores situados na Amazônia, sobretudo aqueles cujo nome já circula em âmbito nacional, a exemplo de Milton Hatoum. Não se faz novidade dizer que a escolha pelo cânone literário é permeada de subjetividade (BLOOM, 1995), haja vista que a seleção das obras e autores passa pela ideologia, pelo gosto, pelo crivo e pelo conhecimento de quem irá escrever sobre elas. Perrone-Moisés (1998) apontou para a mesma direção, enfatizando que a história da literatura não se faz isenta de valor e escolha, haja vista que nela está implicada uma noção de natureza literária. “Grosso modo, pode-se afirmar que é dominante na historiografia literária brasileira a arbitrária correspondência entre natureza literária e a história da escrita e da imprensa, de modo que suportes não impressos de circulação do texto literário são tergiversados e até excluídos das histórias literárias” (FERNANDES, 2012, p. 137). Essa reflexão fizemos não com a pretensão de discutir que obra ou não deva ser considerada dentro do cânone nacional. Por si, discutir isso já demandaria páginas

e páginas devido à sua extensão e complexidade, como bem tratam obras que se voltam ao tema; a esse respeito sugerimos um artigo interessante de Eduardo Coutinho (1996), ou artigo também interessante de Luiz Roberto Cairo Veloso (2001).

À contramão de desejar ampliar o debate, busco com este artigo propor uma reflexão que amplie o espaço, no âmbito acadêmico, para esses valores de produção popular, oriundos de uma tradição, pois em cada região do Brasil nos deparamos com escritores, em verso e prosa, inseridos no meio do povo, em cujas composições residem lendas, mitos e fatos reais que nos chegam em linguagem simplória, carregada de significação. Por meio dessa linguagem, são construídas histórias apoiadas em uma concepção de mundo específica e na tradição popular.

Tecidas essas considerações, passo agora a tratar dos excertos extraídos das composições de Antonio Juraci Siqueira, com o objetivo de valorizá-las e voltar o olhar para os aspectos da cultura amazônica que se fazem latentes no enredo que o escritor vai tecendo às margens dos limites entre a lenda e a realidade. Dessa maneira, a metodologia empregada é pautada em material bibliográfico, cujo propósito é dar solidez às análises realizadas.

O Boto contador de histórias

Dentre os tantos livros publicados, de forma independente por Antonio Juraci Siqueira, é possível verificar a presença do contador das histórias em muitas delas.

Na narrativa ‘Eu, o Filho do Boto’, do livro Histórias à beira-rio, notamos a presença de um narrador em primeira pessoa que vai justamente explicar ao leitor a origem dessa alcunha, filho do Boto. A narrativa inicia com um introito de que o narrador se vale para contextualizar o leitor. De tal modo, lemos:

Entre as figuras mitológicas que povoam o imaginário popular amazônico, a do boto, sem sombra de dúvida, está entre as mais conhecidas. É quase impossível encontrar alguém, tanto na cidade quanto no interior, que não conheça a história do “rapaz de branco” que dança nas festas e emprenha as caboclas por ele mundiadas. Um genuíno caboclo sedutor com seu inseparável chapéu de abas largas que esconde parte de seu rosto enigmático e o buraco que tem no meio da cabeça. Este intróito, como diria Kail Dubond, é para contar de que maneira eu me tornei “o filho do boto” (SIQUEIRA, 2012).

Na leitura do excerto, verificamos o narrador que se coloca na história, assume a autoria do que narra e, inclusive, deixa claro que só escreveu essa parte do texto com um único fim, contar sua história. Na sequência, temos um tom quase de causo, por meio do qual o narrador apresenta o espaço da narrativa e marca temporalmente o fato.

Em 1989, salvo engano, escrevi um poema para participar de uma programação do “dia das bruxas”, na Casa da Linguagem e o illustrei com a figura de um homem vestido de branco e chapéu na cabeça, saindo de dentro d’água. Tirei várias cópias e fixei uma delas na parede do açougue onde trabalhava, no bairro da Condor.

Certo dia uma mocinha entra no açougue e depara com o dito poema sugestivamente nomeado: “Eu, o Boto”. Lê o poema, fita a figura por uns instantes, lança um olhar comparativo entre eu e o rapaz de branco e pergunta: (SIQUEIRA, 2012).

A partir desse ponto do texto, o narrador se vale do discurso direto e dá voz à mocinha que vai travar uma conversa com ele. A moça pergunta “É o senhor?”, ao passo que ele, para não perder a oportunidade, responde afirmativamente. Nesse momento, é perceptível como a presença do mito do Boto se faz latente entre os povos amazônicos, nesse caso, da Amazônia paraense. No entanto, vale destacar que “a interação com o referencial mítico se dá por meio de experiências particulares, e não de uma coletividade etnicamente definida” (LIMA, 2013, p. 195). Dito de outro modo, são as experiências de cada um ou de cada grupo que legitimam a crença no Boto. Já há muito que estudos apontam para o fato de a construção do “mito do Boto ocultar temáticas que encobriam a luxúria e a lascividade de homens que utilizavam da situação patriarcal para praticar relações fora dos laços matrimoniais e incestos” (FONSECA E COSTA, 2020, p. 13). Por isso, podemos dizer que a crença está ligada à experiência da pessoa, família ou grupo.

A moça hesitou um pouco em acreditar, mas logo começou a defender a existência do Boto e a contar uma história, que o narrador reproduziu: “seus pais, oriundos do interior, já viram não uma, mas diversas vezes o tal rapaz. Seu pai, hoje morando em Belém, chegou mesmo a dar um tiro de espingarda no maroto que atirou-se n’água como gente e foi boiar lá na frente, já na pele de um boto tucuxi”.

Por meio do discurso indireto, confirmamos a crença da moça e de sua família; crença esta que, metonimicamente, ampliamos para a comunidade, pois não se trata o mito de uma

teoria irreal ou mesmo uma criação fantasiosa. Eliade (2016) afirma ser o mito uma realidade viva, uma vez que é vivido por uma comunidade ou indivíduo e, de tal maneira, é considerado verdadeiro por estar estritamente imbricado à realidade daquelas pessoas. Também Lima (2013) chama atenção ao fato de ser uma tradição dos botos provocarem medo, serem animais malinas e gaiatos, haja vista terem poderes sobrenaturais.

Ainda que o narrador conte que tentou persuadir a moça de que tudo era mentira, ela não acreditou e “passou a defender com veemência e convicção a existência do tal rapaz de branco”. Então, finaliza a narrativa de um modo bem-humorado, dizendo que “A partir daí e depois de ouvir outras histórias sobre a malina criatura, já não tenho convicção sobre minha verdadeira paternidade. Quem garante que meu pai, que Deus o tenha entre seus santos, não foi corneado pelo boto? Sei lá...”

Em nosso entendimento, a narrativa de Siqueira advém de um fato da memória, reflete cenas do cotidiano por ele ter vivido em um universo do qual se torna cocriador.

A experiência de cocriador também percebemos em ‘De como o açaí deixou de ser veneno’, do livro Histórias à beira-rio. Narrada em primeira pessoa, o narrador busca na memória um fato do passado. E começa assim: “Das muitas histórias do arco da velha que ouvi quando criança, no Marajó, gosto desta, contada pelo tio Tavino, que explica por que o açaí não faz mal a ninguém. Nem mesmo quando tomado azedo, de um dia para outro, sem nenhum processo de conservação”.

Observamos que a narrativa se constrói em torno do açaí, fruto abundante em vários estados do Norte do país, mas com maior concentração no Pará. A história do arco da velha faz parte da infância do narrador. O personagem, Tio Tavico, dizia “do alto de sua sabedoria cabocla, que o açaí não era veneno”, e o narrador se vale do discurso direto para dar voz ao personagem:

No tempo em que Nosso Senhor Jesus Cristo andava pelo mundo, passando um dia, em companhia de São Pedro, por baixo de um açazeiro, encontrou vários caroços espalhados pelo chão. Curioso, apanhou um caroço e roeu. Em seguida, cativado pelo sabor peculiar do fruto, resolveu abençoá-lo para que todos pudessem desfrutar de suas nutritivas qualidades. E foi assim, segundo o tio Tavino, que a partir daquele momento o açaí velho de guerra deixou de ser veneno (SIQUEIRA, 2012a).

No relato do personagem, a presença da religiosidade cristã está marcada. Caminha para longe nosso intuito de adentrar em aspectos religiosos, mas vale dizer que a Amazônia foi palco de um jogo de interesses entre o mercantilismo e o cristianismo português, cada grupo entrou em cena para impor aos povos originários todo um sistema de valores, crenças e padrões inteiramente opostos aos que conheciam ou adotavam.

Na sequência da narrativa, o narrador retoma o discurso para finalizar o texto.

Em minha infância de menino do interior, eu acreditava em tudo o que os mais velhos contavam sem contestação. Nunca quis saber o tipo de “grau” que liberava o açaí para o consumo e ficava imaginando Nosso Senhor Jesus Cristo, com sua longa túnica branca e pés descalços, andando pelas matas do Cajari sempre acompanhado do seu amigo Pedro. E era como se estivesse vendo o momento da bênção: O Divino Mestre agachado e proferindo as santas palavras com os lábios roxos de açaí...

E que assim seja para sempre. Amém! (SIQUEIRA, 2012a).

Percebemos que o narrador agora adulto, embora não mais seja o menino do interior que em tudo acreditava, guarda uma memória doce, por assim dizer, desse episódio que se refaz como imagem de sua infância. Para finalizar, ainda que fique claro que, para o narrador, foi apenas a história lendária do tio Tavico, ele demonstra seu desejo de que a bênção continue.

Quanto à produção em verso, da vasta produção de Antonio Juraci Siqueira, a trova se destaca. A composição em redondilha maior com esquema de rimas ABAB introduz este texto em que Siqueira mistura prosa e verso para falar do Rio Cajari.

Quandoilhado entre alfarrábios, sinto saudades de ti, teu nome sai dos meus lábios numa oração: CAJARI! (SIQUEIRA, 2012a).

No texto, intitulado ‘Meu rio’, um lirismo saudoso é perceptível nos versos, em que notamos um eu-líricoilhado, mas não da forma que gostaria de estar, em sua ilha de Marajó, às margens do rio Cajari,ilhado em um volume imenso de papéis, de tal modo que o rio é apenas lembrança.

Na sequência do texto, deparamo-nos com uma prosa poética delicada e cheia de imagens metafóricas que apontam para a relação entre o poeta e o rio.

À primeira vista pode parecer um rio comum, um rio como outro qualquer. Mas não é. Esse é um rio especial: é o rio Cajari, o meu rio. Ele nasce no vale da minha infância e desemboca sereno e caudaloso dentro de mim, dentro de minha memória, lavando minha alma, fertilizando meu coração, devolvendo a minha infância (SIQUEIRA, 2012a).

Ainda que em prosa, a linguagem se apresenta com força poética, pois para falar da relação entre o rio e o narrador, as imagens vão sugerindo um amálgama entre eles. O rio é “a rua onírica onde o poeta perambula à cata de inspiração, onde o Boto mandingueiro vagueia nas noites enluaradas mundiando as cunhãs” e, por isso, está “diluído em minhas veias”.

O tom aqui mescla saudade e amor pelo espaço de onde emana inspiração e motivos para compor. Depois de apresentar-se como parte desse rio, o texto é finalizado com tom de advertência para que não seja feito mal algum ao rio, porque farão ao próprio poeta, posto que são um desde o início dos tempos.

O rio é um elemento vivo na Amazônia, entre ele e ela há uma relação íntima e antiga a partir da qual fecundou de forma poética o imaginário dos indivíduos. No excerto da prosa de Siqueira, o rio é um elemento encantador que mescla a realidade concreta com a memória e subjetividade do poeta.

Últimas palavras sobre o Boto

Mas nada peça fora do poema
Pois na vida só tenho a voz e o verbo
E nada sou além de sonho e pó.

(Antonio Juraci Siqueira, 1991)

As experiências humanas são infindas. Desde que nascemos, experimentamos. Cada um, porém, percebe o mundo à sua maneira, de forma que, para muitos, a infância é lembrada com pitadas de saudade, ao passo que outros a trazem efervescente, detalhada, viva dentro de si. Antonio Juraci Siqueira é uma dessas pessoas para quem a memória da infância se faz viva em poesia e em histórias, pois sua “canoa, de sonho e papel, cavalga nas ondas qual bravo corcel: Galope de flor sob as ondas do mar!”, como ele descreve em um de seus poemas de Mares – poemas de argila e sol (2010a).

A relação dele com o rio em cujas margens nasceu é intensa, o ambiente em que fora criado é o cenário inspirador de suas narrativas, o lugar de brincadeira, fonte de alimentação, meio de transporte.

Três foram os textos aqui analisados, conforme apontamos, eles são muitos, produzidos ao longo da vida do escritor, que hoje tem 73 anos. A escolha poderia ter recaído sobre textos com cunho mais político ou outros em que o humor se faz presente. Todavia, a intenção foi contemplar narrativas que trouxessem a lenda do boto por meio de palavras escritas por esse Boto paraense.

Nos excertos que aqui foram apresentados, foi perceptível a visão crítica do escritor quanto aos malefícios que a gana capitalista trouxe à Amazônia, toca-nos o olhar poético dele sobre o rio e o modo como se coloca ligado a ele e, ainda, o tom jocoso ao conversar com a moça e ali surgir o filho do Boto, e filho de Boto também é Boto.

Antonio Juraci Siqueira permite ao leitor o sabor de compreender o mundo com simplicidade de palavras, compreender o espaço do qual fala, partindo do mito do Boto, presente no imaginário amazônico, que serve de fundo para as narrativas que perpassam a memória, vão da infância até a presença do rio que, para o povo amazônico, é vida, é trabalho, é locomoção, é sustento.

Finalizo com a ideia de que no vasto Norte do país ressoam vozes como as de Antonio Juraci Siqueira, das quais emana uma linguagem simples, delicada e reveladora do homem que interage com seu contexto para eternizá-lo em palavras.

Referências

ARRAIS, Sabrina Augusta da Costa; Silvia Sueli Santos da. Eu, o Boto: o imaginário das águas na mitopoesia de Juraci Siqueira. **Etnocenologia. Anais do II Encontro Nacional de Etnocenologia**. 12 a 15 de junho de 2018. Belém, 2018. Disponível em: https://proceedings.science/etnocenologia-2018/trabalhos/eu-o-boto-o-imaginario-das-aguas-na-mitopoesia-de-juraci-siqueira?lang=pt-br&check_logged_in=1# Acesso em: 3 nov. 2023.

BLOOM, Harold. Uma elegia para o cânone. *In*: BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**: os livros e a escola do tempo. 3.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

CARVALHO, Ivone Caldas. **Literatura e Educação na Amazônia**: Imaginário Poético em Antonio Juraci Siqueira. 165f. Dissertação. Mestrado em Educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2015.

COUTINHO, Eduardo. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n° 3, p. 67-73, 1996. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/37/38> Acesso em: 05 set. 2021.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. O ATRIBUTO DA VOZ: POESIA ORAL, ESTUDOS LITERÁRIOS, ESTUDOS CULTURAIS E ABORDAGEM CARTOGRÁFICA. **Revista da Anpoll 1(33)**, December 2012. DOI:10.18309/anp.v1i33.633 Disponível em: file:///C:/Users/claud/Downloads/O_ATRIBUTO_DA_VOZ_POESIA_ORAL_ESTUDOS_LITERARIOS_E.pdf Acesso em: 09 set. 2021.

FONSECA, Thalia Bastos da; COSTA, Verônica Prudente Costa. NARRATIVAS AMAZÔNICAS: REPRESENTAÇÕES DO MITO DO BOTO NAS NARRATIVAS DOS MORADORES ANTIGOS DA COMUNIDADE DA MISSÃO TEFÉAMAZONAS. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 17, p. 01-19, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1807-1384. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2020.e70131>.

LIMA, Deborah de Magalhaes. O homem branco e o Boto: o encontro colonial em narrativas de encantamento e transformação (Médio Rio Solimões, Amazonas). **Teoria & Sociedade**, Número especial. Antropologia e Arqueologias, p. 173-201. 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos que a crítica ao discurso historiográfico. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

POSSAS, Hiran de Moura. **O jogral é Jornal**: devorações nas ‘acontecências’ de Antonio Juraci Siqueira. 122f. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Mares- poemas de argila e sol**. Belém: Papachibé, 2010a.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. Nós, os filhos do Boto. In: COSTA, Andriolli. **Colecionador de Sacis**. 08/05/2016. Disponível em: <https://coleccionadoresacis.com.br/2016/05/08/filhos-do-boto/> Acesso em: 5 set. 2021.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Os Novos Versos Sacânicos**. Belém: edição do AUTOR, 2012a.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Histórias à beira-rio**. Belém: edição do autor, 2012.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Incêndios e Naufrágios**: antologia poética. Belém: Paka-Tatu, 2007a.

VASCONCELOS, Kauã; SÜSSEKIND, Felipe. Transformações do boto na Amazônia: relações transversais entre campos de conhecimento. **Dossiê**. UNB. Publicado em 25 de junho de 2020. Universidade Federal de Brasília. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.6618>.

VELOSO, Luiz Roberto Cairo. Memória cultural e construção do canône literário brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 32-44, 1º sem. 2001. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10392> Acesso em: 06 set. 2021.

Anexos

EU, O FILHO DO BOTO

Entre as figuras mitológicas que povoam o imaginário popular amazônico, a do boto, sem sombra de dúvida, está entre as mais conhecidas. É quase impossível encontrar alguém, tanto na cidade quanto no interior, que não conheça a história do “rapaz de branco” que dança nas festas e emprenha as caboclas por ele mundiadas. Um genuíno caboclo sedutor com seu inseparável chapéu de abas largas que esconde parte de seu rosto enigmático e o buraco que tem no meio da cabeça.

Este intróito, como diria Kail Dubond, é para contar de que maneira eu me tornei “o filho do boto”.

Em 1989, salvo engano, escrevi um poema para participar de uma programação do “dia das bruxas”, na Casa da Linguagem e o illustrei com a figura de um homem vestido de branco e chapéu na cabeça, saindo de dentro d’água. Tirei várias cópias e fixei uma delas na parede do açougue onde trabalhava, no bairro da Condor.

Certo dia uma mocinha entra no açougue e depara com o dito poema sugestivamente nomeado: “Eu, o Boto”. Lê o poema, fita a figura por uns instantes, lança um olhar comparativo entre eu e o rapaz de branco e pergunta:

– É o senhor?

E eu, que não perco uma oportunidade para dar asas à imaginação, com ar de desinteresse sussurrei:

– Sou...

A garota, como se fosse a coisa mais natural do mundo, completa a pergunta:

– O senhor é boto?

Agora, com ar de resignação pela minha sina incomum, confirmei:

– Sou...

Desta vez, não sei se surpresa ou duvidosa:

– É??!!

– Na verdade – continuei - eu não sou boto. Sou filho de boto. Minha família morava no interior, meu pai era canoeiro e vivia viajando. Mamãe ficava sozinha e um dia o boto “malinou” com ela...

– Foi??!!

Não tive coragem de continuar mentindo e disse-lhe que tudo não passava de brincadeira, que essa história de boto que vira homem é pura balela e coisa e tal, história pra boi dormir.

Mas, para o meu espanto, a garota não concordou. Pelo contrário: passou a defender com veemência e convicção a existência do tal rapaz de branco. Afirmou que seus pais, oriundos do interior, já viram não uma, mas diversas vezes o tal rapaz. Seu pai, hoje morando em Belém, chegou mesmo a dar um tiro de espingarda no maroto que atirou-se n'água como gente e foi boiar lá na frente, já na pele de um boto tucuxi.

A partir daí e depois de ouvir outras histórias sobre a malina criatura, já não tenho convicção sobre minha verdadeira paternidade. Quem garante que meu pai, que Deus o tenha entre seus santos, não foi corneado pelo boto? Sei lá...

(Do livro *Histórias à Beira-rio*)

DE COMO O AÇAÍ DEIXOU DE SER VENENO

Das muitas histórias do arco da velha que ouvi quando criança, no Marajó, gosto desta, contada pelo tio Tavino, que explica por que o açaí não faz mal a ninguém. Nem mesmo quando tomado azedo, de um dia pro outro, sem nenhum processo de conservação.

Tio Tavino afirmava, do alto de sua sabedoria cabocla, que o açaí não era veneno “por um grau” e explicava:

– No tempo em que Nosso Senhor Jesus Cristo andava pelo mundo, passando um dia, em companhia de São Pedro, por baixo de um açazeiro, encontrou vários caroços espalhados pelo chão. Curioso, apanhou um caroço e roeu. Em seguida, cativado pelo sabor peculiar do fruto, resolveu abençoá-lo para que todos pudessem desfrutar de suas nutritivas qualidades. E foi assim, segundo o tio Tavino, que a partir daquele momento o açaí velho de guerra deixou de ser veneno.

Em minha infância de menino do interior, eu acreditava em tudo o que os mais velhos contavam sem contestação. Nunca quis saber o tipo de “grau” que liberava o açaí para o consumo e ficava imaginando Nosso Senhor Jesus Cristo, com sua longa túnica branca e pés descalços, andando pelas matas do Cajari sempre acompanhado do seu amigo Pedro. E era como se estivesse vendo o momento da bênção: O Divino Mestre agachado e proferindo as santas palavras com os lábios roxos de açaí...

E que assim seja para sempre. Amém!

(Do livro: *Os Novos Versos Sacânicos*)

Meu rio

Quando ilhado entre alfarrábios,

sinto saudades de ti,

teu nome sai dos meus lábios

numa oração: CAJARI!

À primeira vista pode parecer um rio comum, um rio como outro qualquer. Mas não é. Esse é um rio especial: é o rio Cajari, o meu rio. Ele nasce no vale da minha infância e desemboca sereno e caudaloso dentro de mim, dentro de minha memória, lavando minha alma, fertilizando meu coração, devolvendo a minha infância.

E não há decretos, leis, mandados nem resoluções que possam tirá-lo de mim. Ele está de tal maneira diluído em minhas veias que nenhuma força do mundo poderá secá-lo nem alterar seu curso. Você pode admirá-lo, banhar-se em suas águas, mas não poderá apossar-se dele! Ele me viu nascer, banhou meu corpo, matou minha sede e me deixou brincar de canoieiro

em suas águas plácidas tangendo meus barquinhos que hoje navegam na minha imaginação. Ele é a rua onírica onde o poeta perambula à cata de inspiração, onde o Boto mandingueiro vagueia nas noites enluradas mundiando as cunhãs. Portanto, tratem-no bem, pois o mal que a ele fizerem é a mim que farão, posto que somos um desde o início dos tempos.

Antonio Juraci Siqueira